

ESTUDOS DOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE JOVENS MULHERES COMO ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS EM MOBILIDADE GEOGRÁFICA DIÁRIA: CONTRIBUIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE PESQUISA BIOGRÁFICA

STUDIES ON THE CONSTRUCTION PROCESSES OF YOUNG WOMEN AS UNIVERSITY STUDENTS IN DAILY GEOGRAPHICAL MOBILITY: CONTRIBUTIONS OF BIOGRAPHICAL RESEARCH INTERVIEWS

ESTUDIOS DE LOS PROCESOS DE CONSTRUCCIÓN DE JÓVENES MUJERES COMO ESTUDIANTES UNIVERSITARIAS EN MOVILIDAD GEOGRÁFICA DIARIA: CONTRIBUCIONES DE LAS ENTREVISTAS DE INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Oliveira da Silva¹

RESUMO: Este artigo analisa os processos de construção de jovens mulheres como estudantes universitárias em mobilidade geográfica diária a partir de resultados de uma pesquisa de doutorado em educação realizada em 2018 a 2023, que analisou os processos de construção de jovens mulheres como estudantes universitárias em mobilidade geográfica diária no curso de Pedagogia. Para tanto, articula os princípios da Sociologia da Juventude, tomando a juventude como categoria sócio-histórica, com os pressupostos da pesquisa biográfica em educação, que compreende o biográfico como dimensão constitutiva da individuação e da aprendizagem, a partir das relações tecidas com as instituições de ensino. Desta forma, o artigo se concentra nas narrativas de três jovens/mulheres em mobilidade geográfica diária para estudar (ou seja, de uma cidade para outra). As participantes cursavam o oitavo período de Pedagogia e cada entrevista aconteceu separadamente, sendo dois encontros por estudante, perfazendo um total de seis entrevistas. São focalizadas as experiências marcantes das jovens em suas narrativas, também chamadas por Fritz Schütze (2010) de marcadores frequentes. Entre os resultados, evidenciou-se que as condições do transporte, a vulnerabilidade em pontos de ônibus, especialmente a noite, bem como o tempo de deslocamento, foram tomados como desafios a serem superados, tendo em vista o investimento pessoal em permanecer estudando. Ser estudante universitária em mobilidade geográfica diária perpassa um conjunto de desafios similares, quanto um movimento construtivo experiencial, marcado por aprendizados intelectuais e subjetivos que implicam no modo como cada jovem vivencia sua juventude e sua formação.

Palavras-chave: Entrevistas de pesquisa biográfica. Estudantes universitárias. Jovens mulheres. Mobilidade geográfica diária. Relação com o saber.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal de Alagoas.

ABSTRACT: This article presents some results from a doctoral research in education conducted from 2018 to 2023, which analyzed the processes of young women becoming university students in daily geographical mobility in the Pedagogy course. To this end, it articulates the principles of Youth Sociology, considering youth as a socio-historical category, with the assumptions of biographical research in education, which understands the biographical as a constitutive dimension of individuation and learning, based on the relationships woven with educational institutions. Thus, the article focuses on the narratives of three young women in daily geographical mobility for study (i.e., moving from one city to another). The participants were in their eighth semester of Pedagogy, and each interview took place separately, with two sessions per student, totaling six interviews. The article highlights the significant experiences of the young women in their narratives, also referred to by Fritz Schütze (2010) as frequent markers. Among the findings, it was evident that transportation conditions, vulnerability at bus stops, especially at night, as well as travel time, were seen as challenges to be overcome, considering the personal investment in continuing their studies. Being a university student in daily geographical mobility involves a set of similar challenges, representing a constructive experiential movement, marked by intellectual and subjective learnings that influence how each young woman experiences her youth and her education.

Keywords: Biographical research interviews. University students. Young women. Daily geographic mobility. Relationship with knowledge.

RESUMEN: Este artículo presenta algunos resultados de una investigación de doctorado en educación realizada entre 2018 y 2023, que analizó los procesos de construcción de jóvenes mujeres como estudiantes universitarias en movilidad geográfica diaria en el curso de Pedagogía. Para ello, articula los principios de la Sociología de la Juventud, considerando la juventud como una categoría sociohistórica, con los supuestos de la investigación biográfica en educación, que entiende lo biográfico como una dimensión constitutiva de la individuación y del aprendizaje, a partir de las relaciones establecidas con las instituciones educativas. De esta forma, el artículo se centra en las narrativas de tres jóvenes/mujeres en movilidad geográfica diaria para estudiar (es decir, de una ciudad a otra). Las participantes cursaban el octavo período de Pedagogía y cada entrevista se realizó por separado, siendo dos encuentros por estudiante, lo que suma un total de seis entrevistas. Se enfocan las experiencias significativas de las jóvenes en sus narrativas, también denominadas por Fritz Schütze (2010) como marcadores frecuentes. Entre los resultados, se evidenció que las condiciones del transporte, la vulnerabilidad en puntos de autobús, especialmente por la noche, así como el tiempo de desplazamiento, fueron considerados como desafíos a superar, teniendo en cuenta la inversión personal en continuar estudiando. Ser estudiante universitaria en movilidad geográfica diaria implica un conjunto de desafíos similares, en cuanto a un movimiento constructivo experiencial, marcado por aprendizajes intelectuales y subjetivos que influyen en la manera en que cada joven vive su juventud y su formación.

Palabras clave: Entrevistas de investigación biográfica. Estudiantes universitarias. Jóvenes mujeres. Movilidad geográfica diaria. Relación con el saber.

INTRODUÇÃO

Realizado no âmbito do Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV-UFAL), o estudo a ser apresentado propõe um diálogo entre os pressupostos da Sociologia da Juventude e da pesquisa biográfica em educação, por priorizar a realização de

pesquisa nos quais os jovens são coparticipantes. Neste formato, a dimensão biográfica, segundo Delory-Momberger (2012), aparece como elemento indispensável para entender a tríade singularidade, socialização e educação, a partir da relação com os saberes e interações tecidas nas instituições de ensino.

Sob essa concepção, Reis (2012, p. 54) considera que, no contexto universitário, as juventudes vivenciam desafios específicos e nele inscrevem “expressões juvenis singulares e coletivas que podem ser analisadas e potencializadas”. Assim, o objetivo da pesquisa consistiu em estudar os processos de construção como estudantes universitárias na Pedagogia de jovens/mulheres em mobilidade geográfica diária ao Campus A. C. Simões da UFAL em Maceió/AL, a partir da análise de suas narrativas biográficas sobre as experiências formativas marcantes.

As três participantes cursavam o último período e, neste sentido, partimos do pressuposto de Alain Coulon (2008) de que, por estarem há mais tempo na universidade, se apropriaram dos códigos e dos comportamentos característicos do cotidiano acadêmico, tornando-se, assim, afiliadas. Para o autor, todo estudante se depara com a necessidade de aquisição de disposições, chamadas por ele de afiliação, correspondendo à conquista dos saberes, códigos, regras e comportamentos que elevam os jovens à condição de intelectuais, capazes de dominar a linguagem comum desse novo mundo, além de revelar suas competências como membros.

Em nossa pesquisa, a afiliação de Coulon (2008) é aprofundada pela teoria da relação com o saber de Bernard Charlot (2000), por identificar que os processos subjetivos estão interligados as aprendizagens durante o curso, em outras palavras, os/as jovens continuam a aprender aquilo que pode ser de seu interesse intelectual, bem como motivado/a para a realização de um sonho pessoal. A análise nessa configuração compreende que, mesmo partindo de um contexto, cada um/a expressa seus modos de ser e existir enquanto jovens e estudante².

Partindo da ideia das pluralidades juvenis, são propícias as reflexões de Machado Pais (1990) sobre juventudes como categoria socialmente construída, marcada por atravessamentos históricos, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencas de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder e diferentes interesses. Neste conjunto, a pesquisa concentrou-se nas jovens estudantes em mobilidade geográfica

² Diante o limite do texto e a profundidade da pesquisa, uma vez que adentra o campo da formação docente, por ter sido realizada com estudantes da pedagogia, é concentrado neste momento esforços no debate sobre as experiências marcantes na construção de si enquanto estudantes universitárias. A dimensão da formação docente que é parte do trabalho maior, é material para outro artigo.

diária (de uma cidade para outra). Esta identidade implica mutuamente as condições existenciais de ser jovem, mulher e estudante.

Dentro desse universo, nos aliamos as relações de gênero, propostas por Louro (1997, p. 77), qual argumenta não se tratar do desempenho de papéis masculinos e femininos, mas sim ligado à produção de identidades — múltiplas e plurais — de mulheres e homens no interior de relações e práticas sociais (portanto, no interior de relações de poder”). Nesse âmbito, a autora (1997) diz que o conceito de gênero mantém sua utilidade teórica na medida em que incorpora a ideia de que mulheres e homens vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas, incluindo os papéis sociais que desenvolvem, como o caso de ser estudante.

As relações de gênero aparecem marcadamente como implicador do decurso da formação acadêmica, indicando, conforme Margulis e Urresti (1996), que as jovens lidam com pressões sociais que afetam sua juvenilização, além de um relógio biológico mais insistente que tende a recordar a limitada juventude instalada em seu corpo, com vista à maternidade que a sociedade impõe. Ser jovem, mulher e estudante se apresenta de maneira mais complexa e desafiadora. Tendo em vista a discussão associada à concepção de juventudes para mulheres estudantes, é importante pontuar também o conceito de mobilidade diária. Rocha (1998) argumenta que a gênese do conceito está assentada na Ciência da Geografia, acerca da capacidade de os corpos se deslocarem no território espacial através da utilização de diferentes veículos. A autora enfatiza que, nas Ciências Sociais, o conceito se transforma e implica o movimento humano motivado por interesses próprios, podendo ser temporários ou definitivos, com graus de dificuldades de deslocamento em detrimento de sua classe social.

Lobato (2021) afirma que a mobilidade diária para estudar, ou até mesmo a mudança de um estado para outro com a mesma finalidade, tornou-se um contexto notório nas pesquisas das humanidades após o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SISU). O investimento estrutural levou a uma alteração no perfil do/a estudante brasileiro/a na universidade federal, conforme a V Perfil Socioeconômico dos Estudantes Universitários/as Brasileiros/as, elaborado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2018).

Neste quesito, Lobato (2021, p. 80) ressalta que a questão do deslocamento de uma cidade para outra, a fim de estudar na universidade pública, “carrega consigo os sentidos, o peso e a experiência produzida e vivida nos espaços. A mobilidade é permeada de negociações e obstáculos que o estudante busca superar para realizar seu projeto estudantil”. Logo, compreender essa mobilidade geográfica diária ultrapassa a ideia de deslocamento de um ponto

a outro, mas se refere aos desafios e impactos na relação com a universidade e na construção de si como estudante.

Frente a essa problemática, os pressupostos da pesquisa biográfica permitem compreender o contexto geral sobre a vida acadêmica e suas políticas públicas, ao adentrar nas experiências de quem vivencia o contexto em sua singularidade. Atentar-se à pessoa em formação endossa a perspectiva de que formar-se na universidade é uma realidade distinta, cujo processo ultrapassa a aquisição de competências e a conquista de um diploma. Em nossa pesquisa, constatamos que, para muitas jovens, isso pode corresponder à mudança de um ciclo geracional de sua família; para outras, representa um conflito com suas ideologias ou referências religiosas, tendo somente um sentido de passagem.

Destarte, o próximo tópico discorre sobre os fundamentos da narrativa biográfica como dispositivo de pesquisa em educação. As experiências que marcaram o percurso acadêmico, se converteram em material para investigar como as jovens se constroem e compreendem a si mesmas na relação com as demandas e o perfil institucional que a universidade exige.

2. ALGUNS PRESSUPOSTOS DA PESQUISA NARRATIVA BIOGRÁFICA E A RELAÇÃO COM ESTUDOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM EDUCAÇÃO

A narrativa oral, cartas, diários e fotografias, como recursos para pesquisa, têm suas origens na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, por volta dos anos 1920, com as correntes do interacionismo simbólico e da etnometodologia, descolonizando filosofias positivistas nas Ciências Humanas e Sociais. Em sua obra, Delory-Momberger (2014) menciona nomes como Herbert Blumer, que se dedicou ao interacionismo simbólico, e Alfred Schutz, ligado à fenomenologia e à etnometodologia. Ambos demonstraram a capacidade da linguagem para falar sobre si, ao passo que revelam a inserção social, cultural e profissional.

Na segunda metade do século XX, por volta dos anos 1970, o campo da Antropologia, especialmente a Escola de Genebra, concentrou-se na recuperação da consciência autoral nos estudos sobre fatos sociais. A França também se tornou, nesse momento, pioneira nas pesquisas narrativas, tendo Jesus Sánchez e Franco Ferrarotti como nomes de peso. Delory-Momberger (2014) reitera que se deve também a Daniel Bertaux a introdução da abordagem narrativa nas Ciências Sociais francesas. Nesse contexto, surgiram novos formatos de pesquisa, cuja narrativa ultrapassa a ideia de mera aquisição de dados para se tornar, epistemologicamente, matéria-prima dos estudos sobre a vida em suas múltiplas facetas.

Nas palavras de Gaston Pineau (2006, p. 333), por volta de 1980, eclodiu, dentro da perspectiva narrativa, as “histórias de vida em formação, como práticas multiformes de ensaio de construção de sentido por meio de fatos temporais vividos pessoalmente”. Essa ideia se tornou, portanto, o movimento em que o/a pesquisador/a também se forma ao pesquisar.

No Brasil, a abordagem narrativa se desenvolveu inicialmente com foco na formação de professores/as a partir dos escritos de António Nóvoa e Mathias Finger, disseminados entre 1980 e 1990, buscando investigar a ideia de autoformação ao longo da vida, validando os conhecimentos adquiridos através de experiências pessoais no ambiente de trabalho. Conforme Nóvoa (2014, p. 148), 'não se trata de assimilar conteúdos determinados, mas conceber-se, na verdade, como um processo de ser; por meio da diversidade de suas experiências, aprende a exprimir-se, a comunicar, a interrogar o mundo e a tornar-se mais ele próprio.

Por volta dos anos 2000 no Brasil, o campo das narrativas como pesquisa educativa, ganhou novas perspectivas analíticas advindas do I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), iniciativa da professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão e promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em 2004. O evento, que mantém até os dias atuais, permitiu dar o primeiro impulso à criação de um fórum de discussão entre pesquisadores de universidades brasileiras e do exterior para aprofundar o debate teórico-metodológico relativo à pesquisa científica com fontes biográficas e autobiográficas. Preservou-se a conectividade entre a pessoa, a vida e a ciência, entendendo que o ato de narrar é humano, sendo a escuta do/a pesquisador/a balizada pela compreensão de como a pessoa que narra se transforma ao narrar e como é possível analisar esse processo a partir da relação sujeito epistêmico e experiencial.

É importante dizer que, entre o arcabouço teórico de Nóvoa e a consolidação do CIPA no Brasil, as narrativas biográficas, enquanto material de pesquisa no âmbito da formação de adultos, ficaram conhecidas no Brasil também por meio dos escritos da francesa Delory-Momberger (2008; 2012; 2016), que se tornou pressuposto fundamental para o grupo (GPEJUV-UFAL) do qual esta pesquisa é integrante. Para a referida autora (2016, p. 145), “a pesquisa biográfica concebe a educação como uma das dimensões constitutivas do tornar-se humano: no espaço social e no tempo da existência, trata-se sempre de compreender como se forma e se constrói o ser social singular”.

Delory-Momberger (2012) investe esforços em um paradigma biográfico em educação, com arcabouço teórico e metodológico fundamentado no campo socioantropológico e hermenêutico. Tendo como um dos seus procedimentos as entrevistas narrativas, busca traduzir

a capacidade antropológica humana de perceber, organizar e analisar áreas de sua vida em formato narrativo. A estudiosa (2012, p. 526) afirma que a finalidade da entrevista está em apreender “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular e social”. No âmbito da pesquisa, o grupo pode até compartilhar situações similares; contudo, para cada um/a, o processo é particular. Assim, é inviável o desenvolvimento de entrevistas narrativas com numerosa participação; por isso, se justificou o quantitativo de três jovens para nossa pesquisa.

Nas entrevistas narrativas, partilham-se experiências, ou seja, o que foi vivido e se tornou marcante no percurso de vida pessoal e profissional, pois incidiram em processos de aprendizagem, explica Charlot (2000). Estas aprendizagens ou saberes da experiência, conforme Larrosa (2014), fomentam a construção de si como indivíduo singular dentro de cenários sociais, capazes de absorvê-los, modificá-los ou modificar a si mesmo neste itinerário.

Dando continuidade, Larrosa (2014) afirma que a narrativa de si pode permitir o acesso aos sentidos da experiência e ao saber da experiência. Para o autor (2014, p. 21), “a experiência é o que nos acontece, e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido do que nos acontece, trata-se de um saber ligado à existência [...] Trata-se de um saber que revela o homem concreto e singular”.

7

Destarte, nas narrativas das experiências, são atribuídos sentidos existenciais ao que foi aprendido, bem como às próprias tramas sociais onde as experiências narradas se desenharam, sendo transmutados aos outros por sistemas simbólicos, como as palavras e fotografias. Como afirma Ricoeur (2010, p. 163), a palavra “está dotada de um valor existencial e é isso que lhe dá sua seriedade, sua significação e seu preço”.

Compreendida a base da pesquisa biográfica que sustentou o estudo, apresentamos a seguir o passo a passo de como as entrevistas narrativas aconteceram e o processo de análise.

2.1 O caminho da entrevista narrativa e a forma de análise

No cenário colapsado pela Covid-19 em meados de 2021, impossibilitando os contatos pessoais e a circulação no Campus A.C.Simões (UFAL/Maceió), os encontros com as participantes, de forma individual, foram direcionados para a plataforma do *Google meet*, gravados, transcritos e as identidades preservadas.

O primeiro encontro foi iniciado com a exposição dos objetivos da pesquisa, convidando-as a visualizarem algumas fotografias dos espaços que compõem o Campus A. C.

Simões, da UFAL, para ativar memórias de um lugar no qual estavam reclusas há mais de um ano. Após o olhar sobre as fotografias, a entrevista foi iniciada. Pedimos a cada uma que falasse sobre si e descrevesse suas trajetórias na universidade. Quando finalizada a entrevista, retomamos alguns trechos para que pudéssemos compreender de maneira mais efetiva o que elas decidiram partilhar.

O segundo encontro foi iniciado com autorreflexões sobre a narrativa do primeiro encontro, encaminhada via e-mail. Guiadas pela pergunta “como foi para você ler sua história?”, as estudantes informaram suas impressões, retirando ou colocando outros fatos na narrativa. Esse momento é reconhecido por Reis (2020) como “restituição biográfica”. Finalizada a retomada, partimos para o objetivo central do segundo encontro, acordado com cada participante na entrevista anterior: a partilha de fotografias de seus percursos acadêmicos que foram selecionadas após a leitura da narrativa lida. As fotografias serviriam para mostrar situações contadas ou compartilhar momentos que não foram contados no primeiro encontro, isto porque, ao visitar seus acervos, outros episódios entraram em cena. Cada jovem selecionou, no máximo, 10 fotografias de sua preferência.

Ao longo do decurso da pesquisa, ficou mais evidente a meticulosidade que envolve a entrevista narrativa. Portanto, durante a transcrição do material, com base em Delory-Momberger (2012), identificamos as experiências marcantes, também chamadas por Fritz Schütze (2010) de marcadores frequentes nas narrativas, ou seja, unidades de apresentação. Em outras palavras, significam situações e pessoas que aparecem fortemente na narrativa e que dão sentido ao objetivo maior da entrevista.

Para este momento, apresentaremos as experiências marcantes como um dos resultados de nossos estudos. A análise foi feita sob cada história de cada jovem. Neste ponto, Delory-Momberger (2012, p. 532) declara que a análise individual “permite ter acesso às formas singulares que tornam o enredamento dos narradores e à maneira como eles se colocam em cena enquanto atores do seu percurso de formação”. A autora prossegue afirmando que nas entrevistas narrativas as participantes trabalham para ligar as experiências que fazem de si às realidades socioculturais em que agem.

Respectivamente, Schütze (2010) reitera:

[...] os detalhes apresentados nos fragmentos de vida, as expressões estruturais abstratas de cada período da vida são colocadas em relação sistemática umas com as outras, e, a partir dessa base, a biografia como um todo é construída, isto é, desde a sequência biográfica das estruturas processuais que dominaram as experiências até a estrutura processual dominante na atualidade (SCHÜTZE, 2010, p. 214).

Também no método da transcrição de Meiyh e Ribeiro (2011), contribuiu no percurso de análise. Esse movimento corresponde a uma organização textual na qual as perguntas e a divisão dos encontros que compuseram a entrevista (1º e 2º encontro) foram retirados e fundidos, formando único texto, ou seja, uma história contada.

O texto permanece em primeira pessoa e é organizado a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas. O exercício é o de aproximar os temas que foram abordados e retomados em diferentes momentos. O objetivo, novamente, é facilitar a leitura do texto, possibilitando uma melhor compreensão do que o narrador expôs (MEIYH; RIBEIRO, 2011, p. 109).

Essa forma de apresentar a narrativa biográfica do outro é possível, pois, na pesquisa narrativa, a relação intersubjetiva é um princípio balizador, tendo a participação mútua (pesquisador/a e narrador/a) na construção do conhecimento. Apple (2005, p. 10) ressalta que a transposição do oral para o escrito permite que cada pesquisador/a gere um próprio método de análise, desde que respeite regras básicas, como a ética e a autoria do que foi dito pelo/a participante.

Podemos dizer que nas entrevistas com as jovens, uma série de vivências tomaram um grau de importância, gerando uma percepção de si mesma, além de se repetirem durante as narrativas, para reafirmar as aprendizagens conquistadas. Contudo em virtude da vasta narrativa, não será possível trazer a história de cada jovem, Somente pontuaremos as experiências marcantes que implicaram na constituição da história, refletindo sobre os pontos de encontros entre as jovens sobre ser estudante universitária em mobilidade geográfica diária.

Alves (2020, p. 285) salienta que, nesse formato de pesquisa, a vida privada se torna pública, desencadeando “um movimento de revisão, reflexão e reencontro consigo mesmo, a fim de encontrar sentido e dar forma ao que foi vivido”. Na mesma linha de proposição, esse universo é caracterizado por Delory-Momberger (2008) como biografização, ou seja, a relação entre o singular e o social na produção de si em figuras de discurso, como é o caso de ser jovem, mulher e estudante. Logo, Delory-Momberger (2012, p. 524) acrescenta que essa “é a singularidade que a pesquisa biográfica se propõe a apreender, mas não é uma singularidade solipsista; é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais.

Deste modo, apresentamos a seguir a relação entre o singular e o social de três jovens estudantes do oitavo período do curso de Pedagogia do Campus A.C.Simões da UFAL, na construção de si como estudantes, vislumbrada por meio de suas experiências marcantes.

3. AS EXPERIÊNCIAS MARCANTES NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO DE SI COMO ESTUDANTE

Conhecer a história de alguém é um movimento com início, porém sem fim. É subir e descer escadas, girar em torno da história, pois as narrativas que a compõem não são ditas em tempo linear, ou seja, obedecendo à lógica de dias, meses e anos. Elas se cruzam para contar sobre si como um ser em formação que se modifica a cada encontro e narra sem seguir a conexão temporal, e nesse contexto é impossível captar os detalhes. Para Certeau (2014, p. 144), “eis que o prazer de contar encontra pertinência científica [...]. Faz todas as idas e vindas desse relato exercer um ato de pensar”.

E para aqueles/as interessados/as em compreender o que o outro pensa sobre si, é preciso entrar na dança.

3.1 Frida e as experiências marcantes de seu percurso estudantil

Frida, uma jovem mulher de 24 anos, se apresentava como alguém que não se limitava a pequenos espaços, com grandes sonhos e objetivos profissionais. Comunicativa, de sorriso largo, Frida transitou pelo passado, contando sobre sua relação com a universidade. Residente na cidade de Marechal Deodoro-AL, com sua tia, cidade que está aproximadamente uma hora e meia de Maceió, estava no oitavo período da licenciatura em Pedagogia do Campus A. C. Simões, da UFAL, quando decidiu participar do nosso estudos.

Frida optou pelo curso devido à falta de recursos financeiros. Entretanto, ao longo das experiências de ensino, pesquisa e extensão, ela desenvolveu sua identidade profissional. A universidade se tornou, para ela, um lugar de transformação pessoal e social. Nesse processo, as seguintes experiências marcantes construíram a narrativa de si, que pode ser consultada na pesquisa maior que resultou neste artigo:

a) Os desafios da entrada na universidade, que remetem ao estranhamento com o ritmo de leitura e escrita, a aprendizagem sobre os processos institucionais, como matrícula, uso da biblioteca, prazos avaliativos e outros;

b) A compreensão de que é preciso mobilizar-se, investindo tempo e construindo táticas para estudar: como permanecer na biblioteca para o cumprimento das atividades individuais e coletivas, participar de atividades extraclasse, vivenciando a universidade para além do ensino;

c) A importância das participações em extensões e grupos de estudos que auxiliaram na aprendizagem dos saberes epistêmicos e na consolidação de sua identidade estudantil;

d) A universidade também como lugar do encontro, de fazer amizades, fortalecendo a continuidade nos estudos;

e) Enfrentar a mobilidade diária de aproximadamente duas horas (sendo duas horas de ida e duas horas de volta) com transportes em condições desfavoráveis, cedidos pela prefeitura do município, cuja chegada à sua residência ultrapassava o horário de meia-noite. Ou enfrentar os riscos de deslizamentos de terra em períodos chuvosos ou a quebra do transporte do trajeto;

Ao discutirmos a mobilidade diária, é importante notar que ela não se configurou como um fator de desânimo. O apoio de seus tios, com quem Frida residia, a motivava a superar os desafios da locomoção diária, impulsionando sua busca pela profissionalização e, acima de tudo, pela emancipação pessoal, com a aspiração de ingressar no mestrado. Para a jovem, a distância geográfica foi encarada como um desafio que, embora por vezes tencionasse sua relação com os estudos, nunca foi percebida como obstáculo.

f) Por fim, a construção de si com criticidade a partir das experiências vivenciadas no curso, se tornando exemplo para sua família:

Por isso que eu falo o quanto é importante estar na universidade, porque para mim é uma vitória. É uma vitória poder calar todo mundo que apontava o dedo pra mim, porque foram épocas sofridas, a pessoa é uma criança e ter que ouvir tanta coisa maldosa. E a gente chega um ponto até de acredita que não é capaz. E eu relaciono isso a uma vitória realmente. E sem falar nisso eu sou a primeira mulher a estar em uma universidade federal, então pra mim isso é muito importante, eu espero ser um espelho pra os meus primos, para os meus sobrinhos, que eles saibam que são capazes de frequentar esses espaços que são tão importantes na vida (FRIDA,2021).

Porquanto, o percurso de construção de si como estudante se revelou no entrelaçamento das dimensões institucional, intelectual e subjetiva. No processo, os momentos de estranhamento com seu curso aconteceram ao longo do percurso, seja por períodos de estresse emocional, cansaço físico e mental, seja por dificuldades em lidar com algumas disciplinas. No entanto, Frida entendeu que tais crises a tornaram uma jovem decidida, compreendendo que os períodos negativos não limitavam a caminhada, ao contrário, deram significados positivos aos acontecimentos, entendendo que alguns fogem do nosso controle.

Para concluir sobre as experiências marcantes de Frida, Larrosa (2002, p. 72), declara que a “experiência é para cada qual singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. [...] Tem somente sentido no modo como configura [...] uma forma humana singular de estar no mundo”.

3.2. Violeta e as experiências marcantes de seu percurso estudantil

Violeta, uma jovem de 26 anos, residente na cidade de Cajueiro, a aproximadamente 1 hora e 30 minutos de Maceió, é casada e professora das séries iniciais do Ensino Fundamental. Ela atendeu prontamente ao convite para participar do estudo. Ativa em seu cotidiano acadêmico anterior à pandemia de covid-19, a jovem compartilhou suas inquietações do presente pandêmico de forma mais aprofundada, ao contrário das memórias passadas. Por outro lado, quando estas emergiram, se enunciaram saudosamente, ao mesmo tempo, como tentativa de assimilar as mudanças decorrentes do cenário epidemiológico que a conduziu para outro rumo: a maternidade.

Violeta estudava o sétimo período, quando as atividades no Campus A. C. Simões (UFAL) foram suspensas, em 2020. A Pedagogia não foi o seu primeiro curso de graduação, tendo estudado Letras na mesma instituição. Contudo a jovem afirmou:

[...] eu posso dizer que hoje eu sou outra depois da Pedagogia, eu não sei que curso é esse, mas eu me sinto diferente, eu tenho outra visão da educação, eu entrei em Letras, mas eu não consegui sair com o olhar que eu tenho hoje. Eu consigo enxergar coisas que muitas pessoas não conseguem enxergar devido à minha formação lá no CEDU (VIOLETA, 2021).

Na vastidão de sua narrativa, as **experiência marcantes**, foram elucidadas:

- a) Eu sou outra depois da Pedagogia: aprendi a me expressar e me colocar, não tenho mais medo de falar em público” (VIOLETA, 2021). Uma frase constante que evidenciava a capacidade de comunicação desenvolvida no curso de Pedagogia, a partir das relações interpessoais e das atividades educativas coletivas. Para Violeta, consistiu em uma aprendizagem significativa a sua formação profissional e para a construção da autoconfiança.
- b) A rapidez em responder às demandas acadêmicas, como as atividades avaliativas, torna-se um apoio de estudo para colegas. Nesse aspecto, o curso de Letras surgiu como um ponto positivo, pois, durante sua primeira graduação, mesmo não desenvolvendo um vínculo subjetivo, colaborou no domínio dos códigos institucionais, das regras e dos saberes epistêmicos;
- c) As amizades construídas que se estenderam para além do curso da Pedagogia, sendo as festividades culturais organizadas dentro do Campus um lugar de interação e ampliação cultural. Além disso, os momentos de diálogos nas praças com suas companheiras, foram elencados para exemplificar a dimensão socializadora da universidade;
- d) As implicações da mobilidade diária surgiu como desafio superado, mas que ainda reverberava um sentido negativo em sua formação. “Eu dormi em um posto policial, porque o ônibus do meu município não foi buscar os estudantes e eu não tive como voltar para casa”, (VIOLETA, 2021).

Em se tratando da mobilidade diária, durante o curso de Letras o deslocamento foi desafiador, uma vez que a jovem se deslocava para a capital do estado, Maceió, na companhia de seus pais. Ela precisou aprender a lidar com horários, a se localizar, e sobretudo, enfrentar os obstáculos dos transportes cedidos pela prefeitura de sua cidade natal, que conduziam os/as estudantes até a UFAL. Na Pedagogia, o deslocamento não impactou na mesma proporção, devido acúmulo de suas experiências. Porém a jovem pontuou a exaustão física e o tempo limitado em participar das ações acadêmicas, por depender em muitos casos dos ônibus da prefeitura. Além disso, destacou situações de risco, como a perda do ônibus ou a quebra dele no retorno à sua cidade natal, bem como as longas horas de espera ao final da aula durante o período noturno, com a saída às 23 horas da universidade em dias de chuva.

e) Participação em pesquisas, extensão e congressos conduziram Violeta a perceber sua possibilidade de ingresso no mestrado, tendo sido, por sua vez, um sonho interrompido com a pandemia da Covid-19. Violeta, que já havia constituído família, voltou-se para a realização de outro sonho, quando a dinâmica diária de estar na universidade foi suspensa: a maternidade. Nesse ponto, Violeta refletiu que a vida acadêmica não é linear e envolve uma série de eventos que podem ocorrer, ou decisões que podem mudar o rumo anteriormente estruturado. Ser estudante e traçar uma relação com o saber é, portanto, conforme Charlot (2000), um processo de humanização. Violeta, veementemente, compartilhava a angústia em não dar conta de tanta coisa: ser mãe, estudante universitária e professora:

Como eu estou grávida, eu não estou tendo disposição para nada. Eu me sinto limitada. E eu também fico muito envergonhada, porque eu não estou assistindo às aulas, porque é pela tarde, e nem fazendo as atividades, então é bem provável que eu fique suja para o mestrado que eu tanto almejo. É como eu já disse antes, eu me sinto paralisada, tanto no trabalho como na universidade (VIOLETA, 2021).

O receio de Violeta, coloca em debate que o modo como cada jovem decide conduzir sua vida profissional na interface com sua vida pessoal deve ser respeitado, cabendo à sociedade em suas instituições reguladoras, como o caso da universidade, colaborar para a permanência delas. Um projeto profissional não deve ser jamais negociado, ao contrário disso, a luta pela qualidade do tempo de trabalho e estudo deve persistir. Louro diz que (1997, p, 23), a priori, o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos.

Apesar da angústia que precedia a finalização de seu curso remotamente e gestante, as narrativas de superação aos desafios eram recorrentes, com base nas motivações de suas amigas, professores e familiares. Concomitantemente, as narrativas biográficas de Violeta demonstram que a formação profissional é influenciada por diversos processos formativos,

como valores, família, crenças e amizades. Além disso, a dinâmica da vida cotidiana também desempenha um papel significativo, podendo tanto potencializar objetivos quanto alterar o rumo dos mesmos.

A próxima jovem com suas experiências marcantes, reafirma que o percurso estudantil é singular, mesmo que os sujeitos tenham referências coletivas compartilhadas.

3.3 Elis e as experiências marcantes de seu percurso estudantil

Em meados de junho de 2023, conhecemos Elis, de 23 anos, da cidade de Paripueira, a cerca de duas horas de Maceió. Elis se mostrou uma jovem tranquila e tímida, indicando os estudos como uma oportunidade de mudança no contexto educacional de sua família. Filha de pais com o Ensino Fundamental incompleto, Elis foi a primeira de sua família a ingressar no Ensino Superior, tendo em vista a obtenção de um trabalho com condições mais dignas.

Elis iniciou sua narrativa de modo sorridente, com voz suave e tom baixo. Assim, apresentamos as **experiências marcantes** da construção de si como estudante.

a) Entrar na universidade significou uma ruptura geracional em sua família, pois consistia na primeira pessoa a ingressar no Ensino Superior e isso se tornou seu motivo recorrente para a conclusão do curso;

b) “Misericórdia, mainha! Eu não sei ler”, afirmou a jovem em alguns momentos de sua narrativa para falar do estranhamento nos três primeiros períodos com as demandas acadêmicas, como a utilização do sistema de matrículas, o volume de leitura e sua complexidade, bem como as atividades escritas e seminários. Com o tempo esse processo foi se acomodando dentro de si, dominando os saberes intelectuais.

Todavia, é importante ressaltar que sua afiliação acadêmica comprova uma relação subjetiva e imprecisa com os saberes e com a universidade, como revela os escritos de Charlot (2000). Para exemplificar essa teoria, trazemos o seguinte trecho:

Teve uma prova que valia 10 e eu tirei 2,30. Já fiquei triste porque eu nunca tirei essa notada na minha vida. Mas também era para lembrar de 5 textos que eu havia lido durante o semestre para fazer a prova, foi muito complicado. Eu comecei a ficar bem triste e pensei que não iria conseguir continuar, porque era muita coisa e muitos textos para ler. Mas o tempo foi passando e eu fui me acostumando, só que ainda continuou sendo difícil, porque todo período é novo (ELIS, 2023)

c) A escolha pelo curso se atrela ao seu envolvimento com as atividades da igreja. Argumenta que Deus a chamou para educar as crianças; por isso, sua perspectiva de futuro era passar em um concurso público para ajudar a família, trabalhando como educadora na Educação Infantil. Nesse meandro, por ter sua filiação religiosa definida, Elis mostrou-se incomodada

com algumas formas em que a vida é manifestada dentro da universidade, banalizando alguns preceitos ou valores. Ela também relatou ter vivido tensões entre os pares, sobretudo nas eleições presidenciais e por sua forma de vivenciar a juventude nos termos da fé católica.

d) “Do CEDU para o ponto de ônibus”, incidiu em uma frase corriqueira em sua narrativa para afirmar a escolha de não ser parte do contexto de pesquisa e extensão, bem como das relações culturais difundidas em seu centro acadêmico. Fato por ela justificado pelos desafios da mobilidade geográfica diária quanto aos seus princípios religiosos.

Eu queria dizer algo sobre a universidade. Quando entrei na UFAL, uma professora me disse que a universidade é um espaço da diversidade e um universo de ideias, onde cada um traz sua bagagem de vivências e que tudo isso deve ser respeitado. Só que eu acabei percebendo durante o processo com muita gente na UFAL, especialmente no CEDU, que se você tiver uma opinião diferente da deles, eles não te respeitam muito e querem padronizar um pouco o outro. E isso acabava sendo um pouco chato para mim, porque a universidade, na verdade, ela tem várias culturas e religiões. Era aquilo de querer tanto respeito, mas não respeitava muito aquilo que diferia deles. Parece que muita gente na UFAL deveria vivenciar mais aquilo que se prega. (ELIS, 2021).

Neste cenário, as considerações de Teixeira (2023), ajudam a compreender que as situações vivenciadas por Elis dentro da universidade, as quais de algum modo contrariavam sua fé, tornaram ela mais resistente e praticante de seus votos.

Destarte, a influência religiosa sobre a formação acadêmica de Elis chamou a atenção para debates sensíveis que colocam em tensão visões de mundo conservadoras e progressistas. Torna-se importante atentar, no meio acadêmico, para tais tensões e buscar caminhos para a explicitação de que a pluralidade de ideias e visões de mundo divergentes precisa ser tratada com ética e respeito. Teixeira (1964) já dizia que a universidade não é só a expressão do saber abstrato e sistematizado, mas a expressão concreta das cultura.

Após breve contextualização das experiências marcantes de cada jovem, caminhamos para os apontamentos finais deste artigo, acreditando na potencialidade do mesmo no âmbito dos estudos com estudantes universitário/as.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A potencialidade deste material reside no fortalecimento dos estudos e pesquisas com jovens estudantes da universidade, no sentido de entender a construção desta identidade enquanto movimento formativo e diversificado. Do mesmo modo, é passível de mudanças em decorrência dos acontecimentos da vida, ou até mesmo da mudança de perspectiva de quem está em formação.

Na Pedagogia, o perfil geralmente feminino demanda o cumprimento de medidas assistenciais efetivas para que as jovens sigam seus sonhos profissionais. Ou seja, o respeito à

manifestação política e religiosa, bem como à maternidade, à segurança de seus corpos, além de um incentivo financeiro adequado para aquelas que se deslocam cotidianamente. Essas medidas precisam ser políticas urgentes aliadas aos estudos e à participação feminina na pesquisa e extensão.

Neste meando, há o enlace de muitas mãos, ou seja, o esforço de quem estuda, as condições de acesso e permanência que devem ser garantidas, bem como, um currículo que fomenta o exercício crítico e respeito as formas de ser jovem e mulher dentro da universidade.

Por fim, é notório que as pesquisas cunhadas na observação da subjetividade, como é o caso da abordagem biográfica, corroboram para repensar as políticas estudantis existentes, uma vez que se aprofundam em questões que se perdem nas metodologias quantitativas e generalistas.

Ademais, fortalecer a comunidade acadêmica que dedica tempo a uma pesquisa que considera a dimensão pessoal como forma de compreender um contexto social é, portanto, um dos pilares de nossos escritos no GPEJUV-UFAL.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Aloisio. O uso das narrativas biográficas em investigação: Quais valores, posturas e métodos adotados? **Revista Portuguesa de Educação**, [s.l.], v. 33, 2020, p. 279-294. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/374/37465637016/37465637016.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2023.

16

APLLE, Michel. La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. **Qualitative Social Research**, [s.l.], v. 6. n. 2, 2005, p. 1-35. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/9182>. Acesso em: 6 ago. 2023.

BRASIL, Fórum Nacional de Pró-reitores de assuntos comunitários e estudantis (FRONAPRACE). **V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileira**, 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto alegre: Artmed, 2000.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 17, n. 51, 2012, p. 523-739. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 ago. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN, 2014.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.19, 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 fev. 2024.

LOURO, Guacira. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). **Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/34482>. Acesso em 18 fev. 2024.

LOBATO, Luna. **Estudantes em mobilidade: jornadas de ingressantes no curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Montes Claros, 2009-2018**. 202. (Dissertação) 159f. Programa de Mestrado Associado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39395/1/Estudantes%20em%20mobilidade%20jornadas%20de%20ingressantes%20no%20curso%20de%20Administra%30a7%30a30%20da%20Universidade%20Federal%20de%20Minas%20Gerais%20Campus%20Montes%20Claros%20c%202009-2018.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2023.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996. Disponível em: https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/practicas_profesionales/788_salud_adol/material/juventud_mas_que_palabra.pdf. Acesso em 18 fev. 2023.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

NÓVOA, António; MATTHIAS, Finger. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. Universidade de Lisboa. **Revista Análise Social**, [s.l.], vol. XXV, p. 139-165, 1990.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhw/abstract/?lang=pt>. Acesso em 18 fev. 2024.

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudantes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, 2012.

REIS, Rosemeire. Pesquisa biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagem para o/a pesquisador/a. **Revista Portuguesa de Educação**, [s.l.], n. 33, p. 295-309, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/19748>. Acesso em: 15 set. 2023.

ROCHA, Márcio Mendes. A (in)determinação da noção de mobilidade nas ciências humanas. **Revista Boletim geográfico**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 57-59, 1998. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12876>. Acesso em: 6 ago. 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: a integra e a narrativa histórica**. Tomo I. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2010.

SCHÜTZE F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller V, Pfaff N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis (RJ): Vozes; 2010. p. 211-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Vn5rJdvr33VbpnMq6jjqkZC/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2024.

TEIXEIRA, Anísio. A universidade e a liberdade humana. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.20, n.51, p. 3-22, 1964. Disponível em: <http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/fran/artigos/universidade.html>. Acesso em: 6 ago. 2023.

TAVARES, Érica; MONTEIRO, Jéssica. Movimentos pendulares para trabalho e estudo: estratégias metodológicas a partir dos censos demográficos de 2000 e 2010. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 33-58, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/>.